

O que aconteceu com os antigos cinemas de rua do Grande ABC?



SANTO ANDRÉ. Cine Tangará era um dos mais populares cinemas na região, recebia em média 12 mil pessoas por dia, e foi fechado em 1992, virando estacionamento antes de se tornar igreja; bens permanecem preservados

O que aconteceu com os antigos cinemas de rua do Grande ABC?

Levantamento do Diário localiza ao menos 43 unidades na região; locais se transformaram em comércios, igrejas ou já não existem mais

RENAN SOARES
renansoares@diariogabc.com.br

Tapetes vermelhos na entrada do público, o silêncio antes do espetáculo começar, sua trilha sonora e as cortinas se abrem. Hoje, este cenário combinatoria mais com apresentações teatrais, mas no século passado, assistiu em salas de cinema de rua do Grande ABC. Seja na Rua Baraldi, em São Caetano, com o popular Cine Vitória, ou na Rua Coronel Oliveira Lima, em Santo André, no grandioso Cine Tangará, grandes públicos se reuniam para assistir nos filmes mais recentes. Décadas depois, os espaços onde as projeções rodavam já não existem, dando lugar a igrejas e comércios, por exemplo.

Um levantamento realizado pelo Diário em parceria com especialistas da área, ao menos 43 unidades foram encontradas, sendo que apenas três continuam em funcionamento: o Cine Teatro de Variedades Carlos Gomes, em Santo André, o Cine Popular, em São Bernardo, hoje Cine Center, e o Cine Eldorado, em Diadema. Os cinemas sem destino específico viraram supermercados, igrejas, comércios, estão abandonados ou foram demolidos. De acordo com organizadores do Cine Center, com a chegada das salas de cinema aos shoppings, houve priorização, e as salas de rua passaram a receber os principais lançamentos após semanas de estreia oficial.

Em Santo André, 13 cinemas de rua foram localizados na pesquisa do Diário, sendo eles: Cine Tamoyá, na Vila Maria; Cine Lyra, em Panapanicaba, que está sendo reformado; Cines Rony e Raf, no Parque das Nações; Cine Art, na Vila Alpina; Cine Paraíso, no Bairro Paraíso; Cine Iporanga, na Vila Camilópolis; Cines Santa Terezinha e Urupema, no Bairro Santa Terezinha; e o Cine Inajá, em Utingá. Ainda existem as estruturas dos cinemas mais famosos do município, como o próprio Cine Teatro de Variedades Carlos Gomes, o Cine Tangará, e o Studio Center, no Centro.

Inaugurado em 1912 pelo italiano Vicenzo Arnaldi, o então Cine Teatro Carlos Gomes localizava-se à Rua Coronel Oliveira Lima. Em 1925 foi transferido para a Rua Senador Fláquer. Fechado em 1987, foi ocupado por uma loja de tecidos e por um estacionamento. Foi desapropriado em 1991 por pressão popular e estava fechado desde 2011, sendo re-



MUDANÇA. Cine São Bernardo, hoje loja de calçados, demolido e reconstruído em 1951; sobreviveu como cinema até década de 1990



CINE VITÓRIA. Fundado pelos irmãos Da'Mas, cinema levou mais de 520 mil espectadores ao local, em São Caetano; espaço virou casa de shows

talizado e reaberto em 2022. Já o Cine Tangará, visitado pela reportagem, tem seu antigo espaço inaugurado em 1950 alugado atualmente para a Igreja Além do Vêu, porém, seus históricos do local, como projeção, painel e piso, seguem sendo preservados. O local recebia em média 12 mil pessoas por dia, e foi fechado em 1992, virando estacionamento antes de se tornar igreja. O Studio Center é outro a se tornar templo religioso. No local ainda é possível notar semelhança com a estrutura anterior, inclusive com as caixas para colocação de cartazes ainda no espaço, que fica na Galeria Studio Center.

Especialistas apontam motivos para o fim das salas

Com grande movimentação no século passado, os cinemas de rua do Grande ABC "desapareceram" com o decorrer dos anos, dando espaço para supermercados, igrejas e comércios, por exemplo. Para Atílio Santarelli, neto e filho de proprietários de antigas salas de exibição na Capital e Grande ABC, os cinemas de rua perderam espaço após avanço dos shoppings e da tecnologia.

"Os cinemas de rua perderam público para os de shopping e fixo vídeo casero. Antigamente a população tinha poucas opções de lazer, no do-



DE RUA. Cine Center, em São Bernardo, resiste com filmes adultos

mingo ia à missa de manhã e à tarde ao cinema, já que poucas famílias tinham televi-

no município que um dos últimos cinemas de rua da região segue em funcionamento: o Cine Center, no Centro, que exibe apenas filmes para adultos.

Em São Bernardo, são quatro espaços, três já não funcionam, como o Cine Boreal, no Largo São João Batista, no Bairro Rudge Ramos, que foi demolido. Na Rua Marechal Deodoro, dois cinemas agitam as noites do município, o Cine São Bernardo, hoje loja de calçados, e o Cine Anchieta, agora comércio de roupas. Juntas as salas tinham capacidade para mais de 3.000 espectadores. É

São Caetano também teve grandes movimentações nos anos 1950 e 1960, como no Cine Vitória, fundado pelos irmãos Da'Mas. Com estimativa de ter recebido cerca de 520 mil espectadores em sua história, o local fechou as portas em 1998, e é ocupado hoje por uma casa de shows: o Espaço LIV. Foram localizados mais sete cinemas, sendo eles: Cines

Max, Primax e Urca, no Centro; Cine Copacabana, na Avenida Goiás, no Bairro Santo Antônio; Cine Átila, no Bairro Oswaldo Cruz; Cine Planalto, no Bairro Barcelona, hoje unidade da Coop; e o Cine Central, no Bairro Fundação.

PESQUISA

Em Diadema, com base na pesquisa do cineasta Diáulys Ulysses, foram seis os cinemas de rua: late Cine Eldorado, na década de 1950; Cine Paroquial, em 1960; Cine Diadema; em 1970; Cine Color, em

1980; e o Teatro Clara Nunes, em 1983, que exibia filmes. Em 2008, foi inaugurado o Cine Eldorado, cinema municipal gratuito, que fica junto ao Centro Cultural de Eldorado, ainda em atividade.

Na cidade de Mauá, na Avenida Barão de Mauá, no calçadão, resta pouco do antigo Cine Synaflow, aberto em 1971, e que deu espaço a uma unidade das Casas Bahia em 1989. Retornou em 1998 como Cine Green Plaza ocupando um terço da loja, mas fechou novamente em 2000. No município, o Cine Teatro Santa Cecília, na mesma avenida, foi fundado antes, em 1949, mas também fechou, em 1960.

Em Ribeirão Pires, a pesquisa foi fornecida por Marcelo Duarte, historiador e diretor de Patrimônio da Prefeitura de Ribeirão Pires. Ele lista oito locais no município, sendo eles: Cine Pathé, na década de 1910, passando por diversos endereços e aberturas; na década de 1930, os concorrentes, Fuzarca do Prado e Cine Lourdes, o segundo, na Rua Capitão José Gallo, muda de nome após vendas e vira Cine Brasil, em 1944; o Cine Teatro Brasil, em 1954; o Cine Damasco nasce em 1958, no Centro, que se transforma posteriormente em Cine Odeon; o último foi o Cine Duail, em 1989, sendo desativado em 2007, após também projetar filmes adultos.

Atílio Santarelli, neto e filho de proprietários de salas de cinema na Capital e Grande ABC, escritor e jornalista Ademir Medici, responsável pela coluna de Memória do Diário, e Vitória Santos, do banco de dados do jornal, também colaboram para a pesquisa.

es aponta a liberdade dos cinemas de rua, onde existe a possibilidade de conversar e conhecer novas pessoas, além de reencontrar outras. Nos shoppings, ele cita o alto preço dos alimentos e estacionamentos, além da falta de socialização.

"O cinema de rua perdeu força porque as pessoas perderam o hábito de ir como informação ligada ao lazer", aponta o cineasta, que também cita o avanço das locadoras, no passado, e do streaming, atualmente, já que seria mais cômodo assistir ao filme no conforto do lar. **RS**

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Setecidades Pagina: 7